

RUY FABIANO

Ponto de Vista

Enigma da recessão

A questão central da recessão em curso, a terceira do Governo Collor, não é propriamente quanto à sua eficácia técnica, mas quanto à sua viabilidade política. Os economistas ortodoxos — adeptos de medidas monetaristas rígidas, sem concessões de ordem política ou social — acham que, se o Governo se curvar às pressões partidárias e sindicais e se desviar da rota traçada, o desastre será monumental. Mas, se tiver firmeza e levar o programa ao pé da letra, derrota a inflação e reequilibra a economia.

Na hipótese de recuo, dizem eles, temos o pior dos mundos: recessão com hiperinflação. Como o Governo Collor já aplicou duas inúteis recessões — isto é, sem resultados positivos para a economia —, dificilmente teria condições de bancar uma terceira nos mesmos termos. O desafio não é pequeno. O PT anuncia que mobilizará a sociedade, especialmente os sindicatos, para que ocupe as ruas e rejeite no grito o programa recessivo do Governo.

Diante disso, projetam-se meses de intensa turbulência social, com agitações de ruas e manifestações de protesto, ao longo de todo o primeiro semestre. O receituário em curso — prescrito pelo FMI e avalizado pela comunidade financeira internacional —, diminui investimentos públicos, mantém os juros altos, reduz drasticamente a circulação de dinheiro e aumenta impostos. Em resumo, nitroglicerina pura. O deputado Roberto Campos, do PDS, adepto fervoroso da ortodoxia econômica, lamenta os estragos sociais que daí advirão, mas pondera que não há outra saída. É como não operar um doente em estado grave com medo de anestesiá-lo e cortá-lo. O doente sofre muito mais e, o que é pior, acaba morrendo. A cirurgia, por mais dolorosa, oferece-lhe a chance da cura.

Campos teme que haja concessões. Como exemplo, dá a tentativa de rolagem da dívida dos estados. O Governo deveria, diz ele, aproveitar o ensejo para consolidar a privatização. Ao invés de consentir no calote, como querem os governadores, deveria obrigar os estados a vender suas empresas. Se a dívida de São Paulo pode ser paga com a venda de suas estatais, por que não fazê-lo?

O ex-ministro Mário Simonsen, também adepto da ortodoxia, vê com algum otimismo o quadro econômico brasileiro. Não ignora os efeitos sociais do receituário ortodoxo, mas, tal como Campos, não vê outra saída. Embora recém-iniciado o processo, constata que, se a conjuntura propriamente ainda não está melhor, pelo menos melhorou substancialmente a maneira como as pessoas a estão encarando. O coeficiente de sinistrose, segundo ele, decaiu. Já não se fala em hiperinflação, nem se alimenta a paranóia de choques e pacotes. O estilo soft do ministro Marcílio talvez tenha muito a ver com isso. Mas o fundamental é não fugir à rota traçada, para não tornar novamente inútil o sofrimento da população.

E aí voltamos ao ponto inicial: a viabilidade política do plano em curso. A pergunta é: estará o Governo Collor politicamente respaldado para resistir às pressões, dentro e fora do Congresso, no ano eleitoral de 1992? A pergunta inquieta os empresários e políticos que apoiam o plano e recebe um efusivo "não" dos que a ele se opõem. Monotonia, certamente, não teremos em 1992.